

## **NARRATIVAS EMERGENTES: ARTIVISMO EM PROL DE REPARAÇÃO HISTÓRICA**

Thiago Flores Madruga; Andressa Farias Barrios; Dra Larissa Patron Chaves

*Universidade Federal de Pelotas  
thiagomadrugads@gmail.com*

**Resumo:** Esta pesquisa tem como principal objetivo, dar maior visibilidade as contribuições da população negra para a formação do estado do Rio Grande do Sul. Processo realizado a partir do estudo e compartilhamento de histórias de pessoas negras que apesar de seus feitos, tiveram seus esforços invisibilizados pela cultura gaúcha. Para isso, parte-se da produção artivista de intervenções urbanas, desenvolvidas a partir da elaboração e colagem de uma série de lambe-lambes, com finalidade, deslocar estas narrativas para o cotidiano da cidade, aproximando-as das pessoas, ressignificando espaços e propondo reflexões. Esforço que surge no intuito de combater o epistemicídio da população negra na cultura do estado, através da educação estética. Buscando olhar para além da história vigente.

**Palavras-chave:** Visibilidade-negra; Cultura-gaúcha; Educação-estética; Epistemicídio; Lambe-lambe.

Os trajetos que constroem a formação étnica da “identidade gaúcha”, bem como o seu lugar dentro da “identidade nacional”, da “brasilidade”, são aspectos que este texto irá considerar, partindo da contribuição da população negra para a formação do estado do Rio Grande do Sul, este estudo emerge no combate ao epistemicídio.

No Brasil temos como principal referência a filósofa Sueli Carneiro, que descreve em sua tese de doutorado, publicada em 2005 pela Universidade de São Paulo (USP), que o epistemicídio se configura através da negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio. Isso também é válido para as narrativas da história do Rio Grande do Sul, em que o negro é invisibilizado, através do racismo historiográfico.

Ao longo da história autores trataram de mostrar que o Rio Grande do Sul seria um estado majoritariamente branco, composto por descendentes de europeus, portugueses, e posteriormente por uma massiva onda migratória de alemãs, italianos, pomeranos, poloneses e etc. Apontaram a criação de uma “figura mítica” do gaúcho - homem, campeiro... Esta visão deixa excluídos e invisibilizados negros e indígenas. O apagamento da herança

africana da memória coletiva durante a construção da identidade gaúcha era de suma importância, pois um povo tão virtuoso não poderia ter em sua linhagem histórica pessoas que passara tanto tempo escravizadas.

Abdias Nascimento discorre sobre *A bastardização da cultura afro-brasileira*:

“Venderam o espírito africano na pia do batismo católico assim como, através da indústria turística, comercializam o negro como folclore, como ritmos, danças e canções. A honra da mulher africana foi negociada na prostituição e no estupro. Nada é sagrado para a civilização ocidental branca e cristã.” (NASCIMENTO, p 148)

O processo de esquecimento da memória negra em solo gaúcho foi sistêmico e proposital. Encontrou nas políticas de embranquecimento do século XIX, que se baseavam na ideia de supremacia branca, as condições perfeitas para que pudesse pouco a pouco esquecer de seu passado negro.

Para alguns viajantes europeus o Brasil era uma sociedade de raças cruzadas, nação multiétnica, passando uma imagem de nação decadente, onde a miscigenação era vista como um problema. O quadro emblemático a esse respeito é *Redenção de Cam*, de Modestos Brocos, de 1895. De acordo com Bittencourt:

O título da obra de Modesto Brocos y Gomes (Espanha, 1852 – Rio, 1936), se refere à história bíblica que fala da maldição imposta por Noé a seu neto Canaã. Segundo o livro de Gênesis, Cam teria mirado o corpo nu de Noé, que por isso teria lançado uma maldição sobre sua descendência. Seu filho Canaã deveria servir de escravo a seus tios e irmãos. Segundo Slenes, alguns pensadores querendo encontrar uma justificativa bíblica para argumentar que os negros deveriam ser escravos para sempre, defendiam que os brancos seriam descendentes dos outros filhos de Noé (Sem e Jafé). Os negros descenderiam da estirpe de Cam. (BITTENCOURT, 2005, p. 87)

O pintor mostra o desejo, difundido à época, de purificação racial por meio do progressivo branqueamento da população e, assim de libertação dos estigmas vinculados às condições sociais da população negra.



Figura 1 -Modesto Brocos, *Redenção de Cã*, 1895. Óleo sobre tela 199 cm x 166  
Fonte: Museu nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

A cena retrata a narrativa em que a mulher negra agradece ao fato da filha mestiça ter concebido o filho branco. Esta tela foi posteriormente levada para Inglaterra, com o intuito de ilustrar como o governo brasileiro estava lidando a questão do negro, ou seja, a civilização se daria de maneira célere, eliminando o indivíduo negro sem violência pela via da miscigenação. A pintura ilustra as teses de branqueamento do século XIX, que prometiam para o futuro do país uma população de pele cada vez mais clara e, conseqüentemente, passível de civilizar-se deixando para trás o estigma imposto pelas “raças inferiores”.

A obra foi apresentada no salão de 1895, contemplada com a primeira medalha de ouro igualmente incorporada à pinacoteca da ENBA. O ideal de mestiçagem que percorreu a historiografia brasileira desde o século XIX só foi incorporar o negro enquanto elemento da identidade nacional.

Apesar de tudo a memória negra no RS não foi apagada, houve resistência todo o tempo. Na cidade de Rio Grande-RS a presença maciça de mulheres nos espaços de urbanização marcava as relações sociais de trabalho, durante o século XIX, a Praça da Quitanda constituiu o espaço central do abastecimento da cidade do Rio Grande. Até então o mercado que havia na época era uma espécie de feira onde produtores e comerciantes vindos da zona rural comercializavam seus produtos. As mulheres negras do Rio Grande são importantes objetos de pesquisa, pois representam uma parcela da população produtiva que buscava recriar práticas culturais entre os labirintos das cidades.

## A produção artística como forma de resistir ao epistemicídio

Com base nesses dados a pesquisadora e artista Andressa Barrios realizou em 2016 uma instalação em que representou parte do cotidiano rio-grandino no século XIX, a partir dos registros, de um livro de registros de prisões da cadeia da cidade do Rio Grande. O documento encontra-se no Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande e despertou a atenção por apresentar prisões somente de escravos, de ambos os sexos.



Figura 2 - Andressa Barrios, *Quitandeiras*, 2016.  
Fonte: Acervo Pessoal.

Nesta obra, apresentou a silhueta de pessoas encenando casos presentes no livro de registro em que acusam embriaguez e batuque fora de hora. Também estão expostas junto às imagens, frutas e hortaliças, estas eram comercializadas pelas quitandeiras na época. Há um refletor na parede ao lado, quando o expectador se aproxima da obra a sombra dele aumenta em grande escala, assim como ao se distanciar ela diminui.

Segundo Shuma Schumacher, escritora do livro *Mulheres Negras do Brasil* (2007), não é possível subtrair a violência da história da mulher negra, e é extremamente importante conhecer as raízes que mantiveram a escravidão e a importância do papel feminino nessas raízes, sendo sobre tudo um papel de resistência.





Figura 3 - Andressa Barrios, *Quitandeiras*, 2016.  
Fonte: Acervo Pessoal.

Utilizo como referência para a prática, a produção da artista norte-americana Kara Walker, originalmente intitulada *No Place Like Home* é um painel circular com ilustrações típicas do século XIX. São figuras recortadas em papel preto, quase um teatro de sombras da escravidão negra nos Estados Unidos.

É possível perceber na construção hegemônica sobre a identidade do “gaúcho” um papel coadjuvante conferido ao negro na formação social do Rio Grande do Sul. A partir dessa perspectiva, historicamente a participação de negros na Guerra dos Farrapos, a qual é envolta de mitos e romantizada.

### **Intervenções urbanas: resignificando espaços ao compartilhar histórias**

A união da arte com o ativismo, estende a possibilidade para que aja um diálogo potente, através de uma produção poética engajada, que resignifica espaços de trânsito em espaços de discussão. Uma produção que de certa forma, visa contribuir para o desenvolvimento de um processo de justiça social e reparação histórica para a população negra no estado do Rio Grande do Sul. População que até hoje sofre com os impactos da condição de invisibilidade que lhe foi atribuída na narrativa vigente da cultura gaúcha.

Através da arte, torna-se possível pluralizar esta narrativa. Dando visibilidade a pessoas ou grupos que não se sentiam contemplados e/ou tiveram suas contribuições apagadas da história oficial. E assim, trabalhar questões referentes à construção da identidade negra gaúcha, pensando em que lugar a população negra ocupa nessa cultura e por que sua história

Pensamento que estimulou a produção da série *Lanceiros Negros*, criada pelo artista Thiago Madruga em 2015. Uma série de lambe-lambes, produzida a partir de um olhar que buscava discutir a presença e contribuição negra no Rio Grande do Sul, naquele que é provavelmente seu episódio histórico mais conhecido. A Revolução Farroupilha. Um episódio que apesar de bastante conhecido, ainda me parece mal discutido.

Assim, essa primeira série *work in progress* constituiu-se a partir da elaboração e colagem de lambe-lambes, contendo releituras imagéticas dos Lanceiros Negros, criadas a partir de um ensaio fotográfico e software de edição, e impressas em tamanho natural.



Figura 4 – Lanceiros Negros (2015). Fonte: Acervo Pessoal.

O Corpo de Lanceiros Negros foi um grupo militar formado por negros escravizados, que tiveram a liberdade ofertada em troca de apoio às tropas Farroupilhas (pertencente à República Rio-Grandense) no conflito contra o Império Brasileiro, conhecido como Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha. As intervenções foram realizadas no período correspondente a comemoração da Semana Farroupilha na cidade de Rio Grande, nas ruas Davi Canabarro e Duque de Caxias, ambos personagens envolvidos no episódio conhecido como Massacre (ou Traição) de Porongos, que culminou no assassinato dos Lanceiros. Uma referência para esse trabalho, é a série de pinturas do artista de Arroio Grande Zé Darci, que retrata a participação dos Lanceiros durante a Revolução Farroupilha.



Figura 5 - Lanceiros Negros (2015). Fonte: Acervo Pessoal.

Um ponto a se destacar é que mesmo em espaços educacionais, este episódio é mal discutido. Tida como motivo de orgulho para grande parcela da população gaúcha, muito se fala sobre a Revolução Farroupilha, porém, pouco se fala sobre o que a motivou, sobre sua relação com o contexto escravocrata e pouco se fala sobre a participação dos Lanceiros Negros e em como foram traídos no massacre ocorrido em Porongos.

Então, obviamente há um interesse em ocultar a face escravocrata dos Farroupilhas na narrativa vigente. Uma vez que um dos principais motivos para a Revolução, foi sua insatisfação com o Império frente ao sentimento de sentirem-se excluídos do mercado de charque, na época uma das principais fontes de renda no estado e produzido com mão de obra escravizada.

Como nos aponta a historiadora Margareth Bakos, ao falecer, Bento Gonçalves deixa como herança para sua família “53 escravos em sua fazenda em Camaquã”. (BAKOS, 1982, p. 27). A partir disso, pode-se presumir que nunca houve interesse por parte dos Farroupilhas em libertar os Lanceiros ou em de fato acabar com a escravidão em sua República. Entretanto, havia um temor pela possibilidade de rebelião por parte dos Lanceiros, caso fossem libertos. Razão pela qual, apesar de alguns questionamentos, vem ganhando cada vez mais força a narrativa onde esta situação culminou em na traição e morte dos Lanceiros no Cerro de Porongos em 14 de Novembro de 1844, em função de um acordo firmado por Davi Canabarro e Duque de Caxias.

Assim, o ato compartilhar estas imagens em espaço público durante o período da



comemoração da Revolução Farroupilha, é na verdade um convite para algumas reflexões. Onde o intuito é compartilhar e/ou provocar inquietações no observador através dos lambes. Pois, por trás dessas imagens, há um potencial grupo de perguntas que pode emergir, como por exemplo: Quem são estas figuras negras? Por que carregam lanças? Por que surgiram logo agora? Por que surgiram neste espaço específico? Possuem algum significado? Se sim, qual? Por que não as reconhecemos? Porque na grande maioria dos casos, não nos foram apresentadas.

E é justamente esta ausência de referenciais negros que motivou não apenas esta intervenção, mas outras, como por exemplo a que se deu através da série de lambes *Mãe Luciana* (2018).

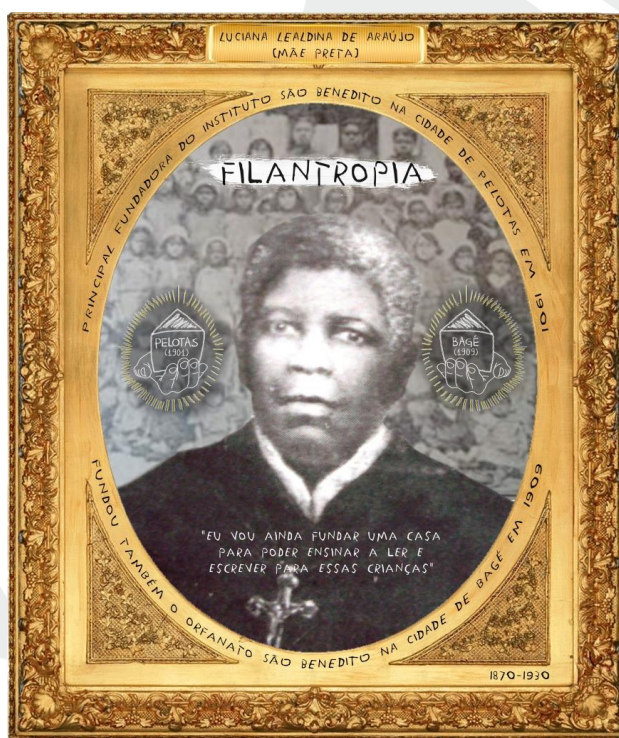


Figura 6 – Cartaz Mãe Luciana (2018). Fonte: Acervo Pessoal

Onde Thiago Madruga produz e cola lambes no intuito de compartilhar pelas ruas da cidade de Pelotas, a história de Luciana Leandina de Araújo. Mulher negra nascida em 1870 na cidade de Porto Alegre, que após mudar-se para Pelotas, torna-se a principal fundadora e primeira diretora do Asilo de Órfãs São Benedito em 1901. Posteriormente mudando-se para Bagé e tornando-se a principal fundadora do Orfanato São Benedito em 1909. Uma figura que apesar de suas imensas contribuições, foi jogada a margem da história. E que precisamos rememorar como uma importante referência de uma mulher negra que não apenas abrigou



diversas meninas, como também as educou. Pois como aponta a pesquisadora Joana Caldeira, “Luciana após ter ficado curada da tuberculose se instalou em uma casa bem “pobrezinha” em Pelotas, juntamente com seis meninas na qual ela ensinava tudo” (2014, p.147). Ou seja, temos aqui uma importante referência de mulher negra que apesar de todas as dificuldades, atuou como educadora no contexto de pós-abolição, cujas contribuições ainda reverberam.

### **Conclusão**

A ausência de representatividade negra na cultura gaúcha, que ainda hoje valoriza apenas a figura do imigrante europeu, mantém viva as consequências do racismo oriundo do período escravocrata. A narrativa histórica vigente no Rio Grande do Sul, basicamente elimina a possibilidade da população negra se enxergar nela. O que consequentemente prejudica a noção de pertencimento cultural.

Entretanto, através da arte podemos levar esta discussão e estas narrativas a outros espaços. Imprimindo-as na arquitetura da cidade, como um dispositivo através do qual as pessoas poderão se aproximar destas histórias. Através de uma produção que da visibilidade para a presença negra e suas contribuições, que compartilha referências que mostram como ela contribuiu para a construção da história e cultura do estado, e que investe em um combate ao epistemicídio através da educação sensível.

### **Bibliografia**

BAKOS, Margaret. RS: Escravidão e Abolição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BITTENCOURT, Renata. Modos de negra e modos de branca: o retrato “baiana” e a imagem da mulher negra na arte do século XIX. 2005. Dissertação de Mestrado (História da Arte e da Cultura) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CALDEIRA, Jeane S. **O Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas - RS** (as primeiras décadas do século XX): trajetória educativa-institucional. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Rio grande do Sul, 2014. Disponível em <<http://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/ri/2809/5/O%20Asilo%20de%20%C3%93rf%C3%A3s%20S%C3%A3o%20Benedito%20em%20Pelotas.pdf>> Acesso em: 21.02.2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.[s.n.], São Paulo, 2005.



**SENACORPUS**  
SEMINÁRIO  
**CORPUS POSSÍVEIS** no BRASIL  
PROFUNDO

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio no negro brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

